

EDITORIAL

Editora-chefe Investigadora Doutora Isabel Lousada

Email: iclousada@gmail.com

«[...] É assim: para cada verdade, o contrário é igualmente verdade!
Mais concretamente: uma verdade apenas se deixa exprimir e envolver em palavras quando é parcial. Tudo o que pode ser pensado com o pensamento ou dito com palavras é parcial, tudo é parcial, tudo é metade, a tudo falta totalidade, integralidade, unidade.»

HESSE, Hermann, *Siddhartha* –Um Conto Indiano, 2002, p. 120

Nada faria supor aquando da publicação do anterior volume que o mundo fosse assolado por tão dramática pandemia – a COVID 19 - que num ápice atingiu o mundo inteiro. A nota mais expressiva de pesar pelas mortes registadas que possamos querer deixar patente ficará sempre muito aquém da tragédia humana sentida; sem precedentes, se atendermos ao facto da velocidade inédita a que se propagou, numa escala global e, mediaticamente, monitorada ao minuto.

Nunca tantos estiveram tão conscientes da precariedade da vida humana. Flagrante é a enorme disparidade entre os mais vulneráveis e... “os outros”. Talvez nunca como hoje fosse possível ignorar as constantes e sistemáticas ameaças de que somos alvo, a um só tempo espelhadas na parafernálio de ecrãs, que invadem a esfera pública e a privada. Do mesmo modo, talvez nunca tão poucos tenham tido nas suas mãos o poder, quereria poder dizer - a responsabilidade, para mudar os desígnios da história da humanidade.

Nunca esteve tão iminente o deflagrar de uma nova guerra mundial. As posições dos líderes das grandes potências extremaram-se, chegando ao ponto de se acusarem mutuamente de estarem a ser dominados por um vírus criado com propósitos belicistas. A cidade de Hiroshima em Agosto de 1945 pôde ser revisitada vezes sem conta, num qualquer ecrã, em qualquer continente, e o flagelo, que subliminarmente pairava como um pesadelo no nosso espírito, torna-se avassaladoramente real, em Agosto de 2020 na cidade de Beirute. O incêndio no campo de refugiados de Moira, na ilha de Lesbos, confirma o devastador Agosto desta década que começa em mau presságio.

75 anos passados sobre a primeira bomba atómica, os esforços internacionais para a não proliferação de armamento nuclear que vinham a ser desenvolvidos acabam por, ironicamente, avançar quando os Estados se veem ameaçados pelo Sars-CoV-2. A ONU assinala os seus 75 anos de existência longe de ter alcançado o seu desiderato de paz mundial. O rumo da humanidade é incerto e na



linha do tempo há uma pressão maior a cada dia que passa.

A História foi inúmeras vezes antecipada pela ficção. Volvidos 200 anos sobre a publicação de Frankenstein: ou o moderno Prometeu (1918), a 5 anos de lembrarmos o duplo centenário da publicação da obra de cariz apocalítico, a distopia que Mary Shelley designou The Last Man, o pior inimigo do homem parece continuar a ser ele próprio, predador dos seus semelhantes, a criatura que desprezando a função primordial de preservar o seu habitat, ao invés disso o destrói.

O filósofo brasileiro Benedito Nunes (1929-2011) sintetiza, de modo exemplar, a desconstrução a que o mundo tem vindo a assistir, ao afirmar “O homem, que deixou de ser escravo da Natureza tampouco é o senhor que nela impõe, deveria ser o seu vigilante guardião” frase gravada, em sua homenagem, num mural do Parque Mangal das Garças, Belém do Pará.

E, contudo, nunca os/as cientistas estiveram tão bem preparados/as, nunca as STEM (as ciências, as tecnologias e as matemáticas) alcançaram um patamar tão elevado de desenvolvimento, nunca, homens e mulheres, lado a lado, se envolveram tão empenhadamente em pesquisas procurando soluções usando recursos até aqui inimagináveis. Ainda assim, o enigma para enfrentar a maior ameaça do nosso tempo permanece insolúvel.

Vive-se, pois, um tempo de aceleração exponencial que contrasta com a flagrante e súbita suspensão, quase como se vivêssemos o primeiro semestre de 2020 envoltos numa atmosfera husseriana, e nos mantivéssemos suspensos numa eterna *epoché*. Curiosamente, são as forças da natureza e a impotência dos indivíduos os únicos a revelarem-se de modo nítido. Seremos capazes da superação hegeliana nesta intermitência paradoxal em que os cientistas acreditam já ter nascido o humano que viverá século e meio e em que, simultaneamente, assistimos à destruição de um planeta cujo pulmão – Amazónia – é barbaramente atacado, os microplásticos invadem os oceanos e, já não são somente os animais a perecerem, mas também os humanos sucumbem em consequência disso por resistências de ordem diversa, que não a do bem comum. A expressão “Não há planeta B”, nunca fez tanto sentido ainda que, entretanto, se divulgue entusiasticamente a descoberta de um gás que aponta para a existência de vida em Vénus. Assim, parece-nos que é escolha de uns olhar para o espaço planetário e ver nele a possibilidade de uma próxima morada quando, sob os nossos pés e às nossas mãos, continua sequiosa a Terra Mãe pelo respeito que lhe é diariamente negado.

No frenesim ainda muito em voga dos workaholics, a geração Z encontra razões para fixar a linha do horizonte ambicionando um futuro simultaneamente mais tranquilo, ao encontro da que já vai sendo chamada geração zero, que recupera um ideal de vida mais ligado à natureza e à sua essência, compreendendo que a utopia se possa tornar tecnotopia, isto é, distópica e que, por isso mesmo, a recusa. Parecendo simultaneamente aprender do legado de Mary Shelley, não esquecendo a máxima de Melvin Kranzberg (“a tecnologia não é boa, nem má, mas também não é neutra”), esta geração empenha-se em tornar viva a “liberdade de existir” que nos leva a interrogar se será possível encontrar o momento de suspensão deste inexorável movimento que nos querem impor.

Possa a leitura do volume que trazemos à luz ser fonte e partilha de conhecimento que agradecemos às/-aos autore(a)s e revisores, regozijando-nos com o reconhecimento cada vez mais amplo da



nossa revista Herança, expresso pelas recentes indexações e parcerias firmadas.

Seja a poesia o lugar do nosso reencontro connosco mesmos e com (os) outros... mundos.

in memoriam Lina Tâmega Peixoto (1931-2020)

O Signo

O signo tem duas margens
Uma da despedida, outra, no desencontro.
Como um álibi, ele ordena um indecifrado
Enigma para os gêmeos passos da minha vida.
Cobre meu corpo futuro
Com o velado símbolo que me protege
Como um deus ambidestro e implacável.

Existo na metade de tudo,
na metade de nada,
e procuro no outro lado do percurso
o jogo ambíguo das palavras.
Talvez se rompa
O casulo do corpo.
Eclipse do sol morto.

outubro de 2020

Isabel Cruz Lousada

